Comentários

FEIJÃO

ENTRAVES À COMERCIALIZAÇÃO.

Apesar das bem sucedidas investidas oficiais junto à cadeia de comercialização do feijão, persistem alguns entraves ao fluxo normal do produto até o consumidor. A tabela CIP-Sunab, por exemplo, fixando o preço no varejo em Cr$ 7,20/kg, é incompatível com o atual preço mínimo.

NOVA CRISE DE ABASTECIMENTO POSSÍVEL.

O estoque governamental de feijão importado, que vem suprindo o abastecimento ao preço da tabela, via supermercados, já está praticamente esgotado. Pouco se pode esperar, por outro lado, do estoque de feijão paranaense, cujo nível reduzido — 65 mil sacas — é insuficiente para estabilizar o mercado. A medida cogitada para contornar uma possível crise no varejo resume-se ao aumento de 15% da tabela CIP-Sunab, elevando o preço para Cr$ 8,30/kg, patamar ainda insuficiente para cobrir os gastos mínimos.

Tomando por base um preço mínimo de Cr$ 276,00/sc 60 kg, a existência de apenas um intermediário na comercialização (com um lucro de 10%), e as despesas de ICM, Funrural, PIS, frete etc., o preço de varejo deve ser de Cr$ 8,40/kg. Esta é uma avaliação grosseira que, nitidamente, subestima o quadro atual, mormente considerando-se que a cotação do feijão preto comum na Bolsa de Gêneros Alimentícios do Rio de Janeiro já alcançou Cr$ 450,00/sc 60 kg no dia 28/3. Está claro do exemplo que a possível majoração da tabela não atende as necessidades do mercado.

CRISE VERSUS BALANÇO DE PAGAMENTOS.

A impossibilidade futura de a principal rede varejista — os supermercados — abastecer o mercado, devido à limitação da tabela, resultaria numa crise que, sem permitir a exaustão das disponibilidades internas, forçaria a uma importação conjuntural. Esta solução agravaria nosso problema de balanço de pagamentos, tendo em vista os já prejudiciais reflexos da seca sobre o balanço comercial.

Vale a pena assinalar que as restrições de preço ao consumidor tornaram as importações do produto em 77 quase independentes da quantidade produzida internamente, pois, como mostra a tabela abaixo, aquelas se mantêm em nível elevado apesar da recuperação da produção em aproximadamente 25%.

ANO	PRODUÇÃO 1.000t	IMPORTAÇÃO 1.000t
1976	1.842	84
1977	2.327	70

CRISE VERSUS INFLAÇÃO.

Por outro lado, a liberação da tabela não resultaria num aquecimento puramente especulativo do preço — devido à próxima entrada da "safrinha" no mercado, pressionando a imediata desova de estoques — mas certamente levaria a uma alta, cujos reflexos inflacionários no IPA seriam politicamente indesejáveis.

ALTERNATIVA: SUBSÍDIO.

A alternativa de um subsídio direto aos supermercados, a fim de compatibilizar os preços do atacado com o tabelamento em Cr$ 8,30/kg, se não resolve o problema, pelo menos evita uma crise de abastecimento semelhante à ocorrida em 76/77.

Há que ter em mente, contudo, que esta alternativa não pode vigorar indefinidamente. A cultura continua a exigir medidas de longo prazo que eliminem soluções como esta, cuja preocupação é a de corrigir, *a posteriori*, situações conjunturais.

CACAU

REAÇÃO DO MERCADO

Reagindo às correções da propalada grande safra mundial de cacau para 77/78, o mercado de futuros para primeira entrega (maio) alcançou na última quinzena a cotação média de US¢ 154,91/lb - peso. Esta média mostra um patamar somente 26% inferior ao de um ano antes, tendo sido 1977 um período atípico para o preço do cacau pela escassez do produto nos centros produtores.

ESVAZIAMENTO DOS ESTOQUES EM 76/77

O aquecimento das cotações trouxe à tona as preocupações dos grandes processadores de cacau no mundo (EUA e CEE), que durante o ano de 1977 reduziram suas aquisições ao máximo em conseqüência dos altos preços. O esvaziamento dos estoques mundiais de cacau em amêndoas para 76/77 foram da ordem de 91 mil t.

QUANTIDADE E QUALIDADE DO CACAU É MOTIVO DE APREENSÃO

A expectativa era de recomposição dos estoques durante 1978, quando se esperava uma das maiores produções dos últimos anos e conseqüentemente uma normalidade no comportamento dos preços. Porém os atuais níveis revelando uma moderada escassez da matéria-prima deixam apreensivos os industriais de cacau ameaçados de prováveis paralisações extemporâneas dos parques chocolateiros.

Não só o volume de amêndoas a processar preocupa os manufatureiros, mas também a qualidade da matéria-prima. As recentes incursões de indústrias da CEE à zona produtora da Bahia, com o propósito de incentivar os produtores a maiores cuidados com a qualidade do cacau tipo Bahia, mostram o receio dos mesmos com a estagnação do cacau africano. Apesar de a Costa do Marfim estar despontando como o grande produtor da África, com uma produção para 77/78 prevista em torno de 290 mil t, incluindo o cacau contrabandeado de Gana, sabe-se que 15% da sua produção é de cacau de má qualidade.

NOVA ESTRATÉGIA DE MERCADO RECHAÇA ESPECULAÇÕES NORTE-AMERICANAS

Conseqüentemente, a fim de provocar um arrefecimento nas cotações, o USDA divulgou sua previsão no que tange à produção mundial de cacau relativo à safra 77/78, mostrando uma oferta superior em 10% à da safra 76/77.

A medida especulativa lançada pelos norte-americanos provavelmente não trará resultados positivos a longo prazo. No Brasil, numa mudança de estratégia de mercado, os órgãos responsáveis pela comercialização do cacau (estatais e privados) estão exportando o produto em poucas quantidades. Até meados deste mês, foi registrado um volume de vendas de 34.800 t, enquanto em igual período do ano passado as transações acumularam um montante de 61.200 t.

CACAU PODERÁ REPETIR UM BOM DESEM-

Assim, se os países produtores, e principalmente o Brasil, conseguirem manter as cotações na atual trajetória até o princípio de agosto, o cacau poderá minorar o prová-